

*Ficaram ali, em silêncio: Mara e Luke, aguardando que a sombra encapuzada se colocasse entre eles, com a lâmina de um sabre-laser brilhando na mão. Atrás, havia a figura de um velho, com expressão de loucura no olhar e faíscas azuis brotando das mãos estendidas. A sombra parou e levantou sua arma. Luke afastou-se de Mara, erguendo o próprio sabre-laser, a mente repleta de horror e medo...*

Os alarmes soaram na suíte, e o som vindo do corredor acordou Leia fragmentando as imagens do pesadelo em pedaços de cor indefinida.

Seu primeiro pensamento foi de que o alarme fosse para Luke e Mara; a segunda possibilidade que lhe ocorreu foi outro ataque de comandos do Império. Então despertou o suficiente para reconhecer o tom das sirenes. Era pior ainda.

Coruscant estava sofrendo um ataque.

Do outro lado do quarto, os gêmeos começaram a chorar.

— Winter! — gritou Leia, providenciando o que era possível em termos de conforto mental para os filhos.

Winter já assomara à porta do quarto, colocando seu roupão.

— E um alerta de ataque espacial — disse ela a Leia.

— Eu sei. Tenho de chegar à sala de guerra imediatamente.

— Tem certeza de que está bem?

— Tive um pesadelo, só isso — respondeu Leia, enfiando um par de botas nos pés. Winter parecia adivinhar tudo o que pensava. — Luke e Mara estavam combatendo alguém. E não acho que esperavam ganhar.

— Tem certeza que era só um sonho?

— Para dizer a verdade, não sei — admitiu Leia, imaginando que poderia ser uma premonição Jedi. — Não. Tinha de ser um sonho. Luke iria saber se C'baoth ou outro Jedi do Mal estiver lá. Não arriscaria continuar com a missão nessas circunstâncias.

— Espero que não — concordou Winter, sem parecer entusiástica sobre o assunto.

— Não se preocupe. Foi só um sonho ativado pelos alarmes. Tome conta dos gêmeos, sim?

— Vamos vigiá-los.

*Vamos?* Leia olhou ao redor, e pela primeira vez divisou Mobvekhar e os outros dois noghri nas sombras ao lado do berço. Não estavam ali quando ela fora dormir, o que significava que devem ter vindo da suíte principal quando o alarme soou. Sem que ela percebesse.

— Pode ir sossegada, Lady Vader — disse solene Mobvekhar. — Nada de mal acontecerá a seus herdeiros.

— Sei disso. Volto assim que puder — avisou para Winter. Apanhou o comunicador sobre o criado-mudo, pensou em ligar para obter informações, mas colocou o aparelho no bolso da túnica. A última coisa que precisavam na sala de guerra naquele momento era parar para explicar o que estava acontecendo.

Ajustou o sabre-laser ao cinto e saiu.

O corredor estava cheio com seres de todos os tipos, alguns deles cuidando da própria vida, o restante perambulando confusos, ou pedindo informações aos guardas da Segurança. Leia ultrapassou os guardas e um grupo de assessores militares que discutia acaloradamente, e prosseguiu em direção aos turboelevadores. Um carro lotado preparava-se para partir. Dois dos ocupantes, provavelmente reconhecendo a conselheira Organa Solo cederam o lugar a ela. A porta fechou-se, quase prensando dois minúsculos Jawa que embarcaram no último instante e o turboelevador desceu.

Toda a parte inferior do palácio era reservada às operações militares, começando com os escritórios de apoio na periferia, e prosseguindo para dentro, com os escritórios de Ackbar, Drayson e outros comandantes, até chegar às áreas vitais e sensíveis, ao centro. Leia identificou-se onde foi necessário, passou entre dois guardas wookie e chegou às portas blindadas da Sala de Guerra.

Poucos minutos depois do soar do alarme, o lugar já parecia um caos custosamente contido, com militares arrancados ao sono andando de um lado para outro, procurando seus postos de combate. Uma única olhada ao monitor tático principal bastou para justificar tamanho furor: oito Cruzadores Interceptadores do Império se deslocavam em formação

esparsa no Setor Quatro, com os cones atenuadores de hiperdrive bloqueando qualquer entrada ou saída na região imediata de Coruscant. Enquanto observava, um novo grupo de naves apareceu ao centro da formação: mais dois Interceptadores e oito Dreadnaught da Frota *Katana*.

— O que está acontecendo? — indagou uma voz desconhecida atrás de Leia.

Ela voltou-se. Um jovem... quase um garoto... estava em pé, franzindo a testa para todo aquele movimento. Por um instante, Leia não o reconheceu; então sua memória deu um estalo: era Ghent, o especialista em computadores que Karrde emprestara para ajudar a quebrar o código bancário que comprometera o almirante Ackbar. Esquecera-se de que o rapaz ainda se encontrava em Coruscant.

— E um ataque do Império — explicou ela.

— Ah... eles podem fazer isso?

— Estamos em guerra — lembrou ela pacientemente. — Numa guerra você pode fazer tudo o que o outro lado não conseguir impedir. Como entrou aqui, afinal?

— Ah, eu fiz um código de acesso para mim mesmo — respondeu Ghent, ainda com os olhos presos ao monitor tático. — Não tenho tido muito o que fazer ultimamente. Vocês vão conseguir impedi-los?

— Pode ficar certo de que vamos tentar — afirmou Leia, olhando ao redor. Avistou o general Rieekan. — Fique fora do caminho e não toque em nada.

Deu dois passos em direção ao general, quando sua mente teve uma idéia. Ghent, que fizera um cartão de acesso, só porque não tinha nada melhor para fazer...

Girou, voltou para o jovem e agarrou-lhe o braço.

— Pensando melhor, venha comigo — disse ela, conduzindo-o para uma porta ao lado da sala de guerra, cuja tabuleta dizia: **CRİPTOGRAFIA**.

Digitou as teclas adequadas e a porta deslizou. Entraram. Tratava-se de uma sala de bom tamanho, repleta de computadores, técnicos em decifrar códigos e dróides-interface.

— Quem é o encarregado aqui? — perguntou ela, fazendo com que um par de cabeças se voltasse em sua direção.

— Sou eu — identificou-se um homem de meia-idade ostentando divisas de coronel.

Recuou um passo do console para único metro quadrado livre do aposento.

— Sou a Conselheira Leia Organa Solo. Esse é Ghent, perito em quebrar códigos. Tem uso para os serviços dele?

— Não sei — afirmou o coronel, examinando o recém-chegado. — Já penetrou algum código de batalha do Império, Ghent?

— Não. Nunca vi um. Mas já decifrei alguns códigos de comunicação militar.

— Quais?

— Bem, havia um que chamava, se não me engano... programa Lépidio. Ah, sim, e resolvi o código ILKO quando tinha doze anos. Aquele foi difícil... levei quase dois meses para decifrar — declarou Ghent, com naturalidade.

Alguém assobiou.

— Isso é bom? — quis saber Leia.

— Eu diria que sim, conselheira. ILKO foi um dos principais códigos que o Império utilizou para transferir dados entre Coruscant e o estaleiro que fabricou a primeira Estrela da Morte, em Horuz. Nos levamos um mês para decifrá-lo — explicou o coronel, olhando com respeito para Ghent. — Vamos lá, filho. Se você gostou do ILKO, vai adorar os códigos de combate. Temos um console para você bem aqui.

O rosto de Ghent iluminou-se e ele já se acomodava quando Leia retornou à sala de guerra.

Para descobrir que havia uma batalha em andamento.

Seis destróieres estelares do Império haviam chegado do hiperespaço exatamente ao centro do grupo formado pelos cruzadores. Dividiram-se em dois grupos de três e cada um rumou para uma estação de batalha Golan III. Os caças TIE enxameavam ao redor das naves maiores, dirigindo-se para os defensores que começavam a emergir do estaleiro em baixa órbita e da superfície de Coruscant. No monitor principal, flashes ocasionais de turbolaser apareciam, à medida que ambos os lados começavam a disparar.

O general Rieekan estava a alguns passos do console de comando quando Leia chegou ao lado dele.

— Princesa... — saudou ele, com um aceno respeitoso.

— General — retribuiu ela, olhando com preocupação para os monitores.

O escudo planetário de Coruscant encontrava-se ativado e as estações terrestres de combate atingiam o estado de prontidão. Uma segunda onda de caças asa-X e asa-B decolavam dos espaçopostos.

Em pé no posto de comando, emitindo ordens para todos à vista, estava o almirante Drayson.

— *Drayson?*

— Ackbar está em viagem de inspeção na região de Ketaris — explicou Rieekan. — Isso deixa Drayson encarregado do combate.

Leia olhou para o monitor principal, com um sentimento desagradável na boca do estômago. Drayson era competente, porém contra o Grande Almirante Thrawn, competência não era o bastante.

— A frota no setor Ketaris já foi avisada? — indagou Leia.

— Fizemos isso antes que o escudo fosse ativado — informou Rieekan.

— Infelizmente, uma das primeiras coisas que o Império atingiu foi a estação de retransmissão extra-orbital, portanto não há forma de saber se receberam ou não a mensagem. Não sem abaixarmos o escudo.

— Isso significa que não pretendem apenas deslocar forças para atacar outros setores — raciocinou Leia. — Se a intenção fosse essa, eles nos dariam tempo de enviar vários pedidos de socorro.

— Concordo. Seja o que for que Thrawn pretende, é conosco mesmo.

Leia assentiu, os olhos presos ao monitor principal. Os destróieres haviam entrado no raio de fogo da estação de combate e a escuridão do espaço começou a brilhar com disparos tur-bolaser mais pesados. Fora do alcance, os Dreadnaught e outras naves de apoio formavam ao redor dos destróieres, para protegê-los dos caças que se aproximavam.

No monitor, um brilho de luz esbranquiçada foi projetada para cima, a partir da superfície, na direção das naves inimigas.

— É um desperdício de energia — comentou Rieekan em voz baixa. — Estão fora de alcance.

Leia sabia que mesmo estando dentro do alcance, as descargas dos canhões iônicos, que danificavam a eletrônica, teriam tanta chance de atingir o inimigo quanto a própria estação orbital de defesa. Canhões iônicos não eram famosos por sua precisão.

— Precisamos colocar outra pessoa no comando — disse ela, olhando ao redor para ver se encontrava Mon Mothma, para persuadi-la a colocar Rieekan no comando.

De repente, seus olhos pararam. Contra a parede traseira, olhando para o monitor principal, estava Sina Leikvold Midanyl assessora principal do general Garm Ben Iblis... considerado mais do que competente. — Já volto — anunciou ela a Rieekan.

— Conselheira Organa Solo — disse Sina, assim que avistou Leia. — Me disseram para observar e não atrapalhar. Pode me explicar o que está acontecendo?

— O que está acontecendo é que precisamos de Garm — disse Leia, olhando ao redor. — Onde está ele?

— Na galeria de observação — disse ela, acenando para cima, em direção ao balcão semicircular que corria pela metade traseira da sala de guerra.

Leia olhou para lá. Seres de todos os tipos começavam a encher as dependências da galeria... a maior parte civis do governo, que possuía autorização para aquele andar, mas não para a sala de guerra. Sentado de lado, fitando o monitor principal, estava Bel Iblis.

— Traga ele para cá — disse Leia. — Precisamos dele.

— Ele não vai descer — disse Sina, balançando a cabeça. — Não até que Mon Mothma peça a ele. Cito as palavras dele.

Leia sentiu o estômago apertar-se. Bel Iblis tinha uma boa dose de orgulho, mas aquele não era o momento para rixas pessoais.

— Ele não pode fazer isso. Precisamos da ajuda dele — insistiu ela.

Sina balançou outra vez a cabeça.

— Já tentei. Ele não me escuta.

— Talvez escute a mim — disse Leia, suspirando.

— Espero que sim. — Sina fez um gesto, indicando o monitor, onde um dos Dreadnaught de Bel Iblis aparecera para juntar-se às naves de defesa. — Aquele é o *Harrier*. Meus filhos Peter e Dayvid estão a bordo.

— Não se preocupe, vou trazer Bel Iblis para cá — garantiu Leia, colocando a mão no ombro da outra.

A parte central da galeria encontrava-se apinhada quando ela chegou lá. Porém a área ao redor de Bel Iblis estava vazia.

— Oi, Leia — cumprimentou ele. — Pensei que estivesse lá embaixo.

— E onde eu devia estar... e você também — disse Leia.

— Precisamos de você no comando.

— Está com seu comunicador? — interrompeu ele.

— Estou — respondeu Leia, franzindo a testa.

— Então use agora. Chame Drayson e avise sobre aqueles dois Interceptadores.

Leia olhou para o monitor. Os dois cruzadores Interceptadores que chegaram por último estavam realizando manobras conjuntas, focalizando os cones de força gravitacional numa das estações de combate Golan III.

— Thrawn aplicou esse truque em Qat Chrystac — continuou Bel Iblis.

— Ele utiliza os Interceptadores para definir uma faixa de hiperespaço, depois traz uma nave no vetor de intersecção, para sair naquele ponto preciso. Drayson precisa posicionar naves nos flancos da estação para lidar com os atacantes que chegarem.

Leia apanhava o comunicador no bolso.

— Mas não temos nada aqui capaz de infligir dano a um destróier estelar — protestou ela.

— Não se trata bem de infligir dano, pois a nave que vier, chegará com os defletores desativados e sem referências de alvo. Se nossas naves estiverem no local, terão chance de disparar um único tiro contra os atacantes — explicou Bel Iblis.

— Isso pode fazer muita diferença.

— Certo — assentiu Leia, digitando a chamada no comunicador.  
— Aqui é a Conselheira Leia Organa Solo. Tenho uma mensagem urgente para o almirante Drayson.

— O almirante Drayson está ocupado e não pode ser perturbado — articulou uma voz eletrônica.

— Essa é uma chamada oficial do Conselho. Ponha Drayson na linha.

— Análise de voz confirmada. A chamada oficial do Conselho não tem prioridade sobre o procedimento militar de emergência. Pode deixar um recado para o almirante.

Leia olhou o monitor, suspirando para não perder a paciência.

— Nesse caso, quero falar com o ordenança do almirante. — O tenente DuPre está ocupado...

— Tarde demais — avisou Bel Iblis, em voz baixa.

Ela voltou os olhos de novo para o monitor principal, observando dois destróieres classe Victory que surgiram do hiperespaço, atirando à queima-roupa sobre a estação orbital, exatamente como Bel Iblis previra. Em seguida saíram do local, antes que a estação ou as naves que a defendiam pudessem responder aos disparos. No monitor, a nuvem azulada que assinalava o escudo defletor piscou várias vezes antes de firmar-se.

— Drayson não é páreo para ele — suspirou Bel Iblis.

— Você precisa descer, Garm.

— Não posso — respondeu o senador, balançando a cabeça. — Não até que Mon Mothma me peça.

— Você está se comportando como uma criança — afirmou Leia, desistindo da diplomacia. — Não pode deixar as pessoas morrerem só por causa do seu orgulho.

Ele encarou-a; ao devolver o olhar, Leia percebeu a dor contida ali.

— Você não entende, Leia. Isso não tem nada a ver comigo. Tem a ver com Mon Mothma. Depois de tantos anos, afinal entendo porque ela faz as coisas dessa maneira. Sempre presumi que ela queria reunir mais poder porque gostava de poder. Mas eu estava errado.



— Então *por quê* ela age assim? — indagou Leia, sem vontade de falar sobre Mon Mothma.

— Porque em tudo o que ela faz, coloca vidas em risco — explicou Bel Iblis. — E fica apavorada em colocar essa responsabilidade nas mãos de outros.

Leia chegou a abrir a boca para negar a afirmação, quando alguns momentos dos anos passados encaixaram-se com perfeição na hipótese do senador. Todas as missões diplomáticas que recebera, ao custo de não haver tempo disponível para seu treinamento Jedi nem para a família. Toda a confiança que investira em Ackbar e em alguns poucos; toda a responsabilidade era transferida para recair sobre poucos ombros.

Nos ombros dos que ela achava que podia confiar para fazerem um bom trabalho.

— Por isso, eu não posso descer lá e assumir o comando. Até que ela seja capaz de me aceitar... de verdade... como alguém em quem possa confiar, ela não será capaz de me passar autoridade verdadeira na Nova República. Ela sempre vai precisar estar por perto, olhando por sobre meus ombros para garantir que eu não cometa erros. Mon Mothma não tem tempo para isso, nem eu tenho paciência e o atrito seria devastador para alguém apanhado entre os dois — declarou Bel Iblis, olhando para a sala de guerra.

— Quando ela estiver pronta para confiar em mim, estarei pronto para servir. Até lá, é melhor para todos que eu permaneça de fora.

— Exceto para aqueles que estão morrendo no espaço — lembrou Leia.

— Deixe que eu fale com ela, Garm. Talvez possa persuadi-la a colocar você no comando.

— Se você tiver que convencê-la, então não vale. Ela precisa decidir por ela mesma.

— Talvez ela já tenha decidido — afirmou a voz de Mon Mothma, atrás deles.

Leia voltou-se, surpresa. Com a atenção concentrada em Bel Iblis, não percebera a aproximação da mulher mais velha. Sentiu-se culpada por ter sido apanhada falando dela pelas costas.

— Mon Mothma. Eu...

— Está tudo bem, Leia. General Bel Iblis... Ele levantou-se para encará-la.

— Sim?

— Tivemos mais diferenças do que devíamos ao longo dos anos, general — começou Mon Mothma. — Mas isso foi há muitos anos. Já formamos uma boa equipe. Não há motivo para que não possamos fazer isso outra vez.

Ela hesitou novamente; com a percepção aguçada, Leia reparou como aquilo era difícil para ela. Sentia-se humilhada ao aproximar-se para pedir ajuda ao homem que já lhe voltara as costas. Se Bel Iblis fizesse questão de ouvir as palavras exatas para curvar-se...

— Mon Mothma — disse ele, em tom formal, surpreendendo Leia. — Dadas as condições dessa emergência, eu nesse instante peço sua permissão oficial para assumir o comando da defesa de Coruscant.

As linhas ao redor dos olhos de Mon Mothma suavizaram-se e um brilho de alívio surgiu.

— Eu seria grata se fizesse isso, Garm. Ele sorriu.

— Então, vamos até lá — convidou ele.

Juntos, dirigiram-se para as escadas que levavam ao piso principal da sala de guerra; com um sentido humilde das próprias limitações, Leia compreendeu que perdera metade do que presenciara. A longa e acidentada história que Mon Mothma e Bel Iblis haviam partilhado, dera a ambos uma empatia e uma ligação bem além do que o poder Jedi de Leia podia perceber. Talvez essa mesma empatia tivesse formado a verdadeira força da Nova República. A força que poderia criar o futuro da Galáxia.

Se pudessem agüentar as próximas horas.

Esfregando as mãos, Leia correu atrás deles.

Um par de canhoneiras corellian passou pelo *Quimera*, espalhando uma rajada turbolaser sobre o escudo defletor. Uma esquadrilha de caças TIE estava bem atrás deles, realizando uma manobra para flanqueá-los e melhorar o ângulo de tiro. Além deles, Pellaeon avistou uma fragata de escolta, no vetor de interceptação da rota de escape das canhoneiras.

— Esquadrilha a-quatro, rumem para o setor vinte e dois — ordenou Pellaeon.

Até então, por tudo quanto sabia, a batalha corria bem.

— Lá vão eles — comentou Thrawn, a seu lado.

— Onde?

— Estão se preparando para retirar — disse Thrawn, apontando dois Dreadnaught dos rebeldes, que se haviam juntado à batalha. — Observe como aquele Dreadnaught está se movendo em posição de cobrir a retirada. Veja... o segundo está se juntando a ele.

Pellaeon franziu a testa, olhando para as naves indicadas, sem entender as manobras apontadas. Porém, nunca vira o Grande Almirante errar nesse tipo de previsão.

— Estão abandonando a estação orbital?

— Para começar, eles nunca deveriam ter trazido essas naves para defender a estação — afirmou Thrawn. — As plataformas de defesa Golan suportam muito mais do que o ex-comandante acreditava.

— Ex-comandante?

— Isso. Numa estimativa, eu diria que nosso velho adversário corellian assumiu o comando das defesas de Coruscant. Imagino porque teria demorado tanto.

Pellaeon deu de ombros, estudando o cenário da batalha. O Grande Almirante estava certo: os defensores começavam a retirar-se.

— Talvez tivessem de ir acordá-lo.

— Talvez. Agora o corellian nos oferece uma escolha: podemos ficar e duelar com a estação orbital, ou seguir os defensores. Aí entramos no raio de alcance das armas planetárias. Felizmente temos uma terceira opção.

— Sim, senhor — disse o capitão, que já se perguntava quando o superior iria utilizar sua brilhante estratégia de sítio.

— Posso ordenar o lançamento?

— Vamos esperar que o corellian recue mais suas naves — afirmou Thrawn. — Não queremos perder a oportunidade.

— Entendido.

Recuando para sua poltrona de comando, Pellaeon acomodou-se e confirmou o estado de prontidão dos raios tratores e dos asteróides.

— *Harrier*, comece a recuar... cubra aquelas fragatas de escolta, no flanco de bombordo. Vermelho Líder, cuidado com aqueles caças —

disse Bel Iblis, no posto de comando.

Leia observava o monitor principal, prendendo o fôlego. Parecia que ia funcionar. Sem vontade de arriscar-se até o raio de alcance das armas baseadas em terra, o Império permitia que as naves recuassem até Coruscant. Aquilo deixava apenas as duas estações orbitais de combate em perigo e elas eram capazes de agüentar muito mais do que Leia imaginara, a princípio. Não iria durar muito, pois o Grande Almirante sabia que não deveria estar ali quando chegasse a frota que protegia o setor. Estava quase terminado e parecia que tudo acabaria bem.

— General Bel Iblis? — chamou um oficial de uma das estações.  
— Estamos obtendo uma leitura esquisita do hangar do *Quimera*.

— O que foi? — indagou Bel Iblis, aproximando-se do oficial para olhar o monitor.

— Parece com uma leitura de raios tratores ativados — informou o militar, apontando uma região multicolorida no centro da tela. — Mas a potência envolvida é muito grande.

— Será que eles estariam lançando uma esquadrilha TIE, todos juntos?

— sugeriu Leia.

— Não acredito. Esse é o outro ponto estranho. Pelos nossos sensores, nada deixou o hangar.

Ao lado de Leia, o general enrijeceu.

— Calcule o vetor de lançamento — ordenou ele. — Todas as naves: focalizem os sensores ao longo desse vetor. Acho que o *Quimera* acaba de lançar uma nave camuflada.

Alguém por perto praguejou. Leia olhou para o monitor principal com um pressentimento ruim, recordando-se da conversa que ela e Han tiveram com o almirante Ackbar. O almirante estivera convencido de que os perigos do uso de naves camufladas, impedidas de usar os próprios sensores, as transformavam numa arma pouco eficiente. Mas se Thrawn tivesse encontrado uma forma de resolver esse problema...

— Estão disparando outra vez — anunciou o oficial.

— A mesma coisa está acontecendo com a *Mão da Morte* — avisou outro operador de sensores.

— Sinalize para que as estações orbitais disparem ao longo desse vetor. Tão perto dos destróieres quanto possível — ordenou Bel Iblis. — Precisamos descobrir o que Thrawn pretende.

Ele mal acabara de falar quando um raio brilhante apareceu no monitor. Uma das fragatas de escolta ao longo do vetor projetado irrompeu em chamas, a traseira libertando gases que provocaram o giro da nave.

— Colisão — gritou alguém. — Fragata de escolta *Evanrue*... impacto com objeto desconhecido.

— Impacto? — repetiu Bel Iblis. — Não foi um disparo de turbolaser?

— A telemetria indica impacto físico.

Leia olhou para onde o *Evanrue* estava envolto em gás inflamável, lutando para controlar o giro.

— Escudos de camuflagem tendem a impedir os dois lados de usar sensores. Como conseguem manobrar?

— Talvez não tenha sido uma manobra — sugeriu Bel Iblis.

— Comando tático: me dê novo vetor a partir do ponto de impacto com o *Evanrue*. Presuma um objeto inerte; calcule a velocidade de impacto pela distância do *Quimera* e não esqueça de considerar o campo gravitacional. Forneça a localização provável ao *Harrier* e ordene que abram fogo assim que tenham as coordenadas.

— Sim, senhor — respondeu um dos tenentes. — Fornecendo os dados ao *Harrier*.

— Pensando bem, vamos alterar a última ordem. Ordene ao *Warrier* que utilize apenas os canhões iônicos. Repetindo: não usem turbolaser, apenas o canhão iônico — ressaltou Bel Iblis.

— Está tentando apanhar a nave inimiga intacta? — indagou Leia franzindo a testa.

— Quero apanhá-lo intacto, sim. Mas não acho que seja uma nave — disse o general.

No silêncio que se seguiu, os canhões do *Harrier* abriram fogo.

Os Dreadnaught dispararam, como Thrawn predissera. Porém só utilizaram canhões iônicos.

— Grande Almirante?

— Sim, estou vendo — respondeu Thrawn. — Interessante. Eu estava certo, capitão. Nosso adversário corellian está mesmo no comando. Mas até agora ele permitiu que ditássemos as ações.

— Ele está tentando destruir a camuflagem do asteróide — comentou Pellaeon, quando entendeu a ação.

— Ele espera conseguir sua presa intacta — corrigiu o Grande Almirante. — Baterias turbolaser de proa: rastreiem e destruam o asteróide número um. Aguardem minha ordem para disparar.

O capitão fixou o olhar no monitor de combate. O Dreadnaught conseguira atingir o alvo, com os raios iônicos desaparecendo no espaço ao encontrar a camuflagem. O escudo de camuflagem não resistiria muito tempo mais.

Repentinamente as estrelas daquela região desapareceram. Por alguns segundos houve escuridão completa enquanto o escudo de camuflagem ruía em si mesmo; de repente o asteróide ficou visível.

O feixe iônico cessou.

— Baterias Turbolaser: em alerta — avisou Thrawn. — Queremos que eles dêem uma boa olhada primeiro... Fogo!

Pellaeon observou o monitor holográfico. Uma chama esverdeada partiu, desaparecendo na distância, ao convergir para o alvo. Um segundo mais tarde foi produzido um relâmpago... depois um segundo e um terceiro.

— Cessar fogo — comandou o Grande Almirante, satisfeito — Eles que venham buscar o que sobrou, se puderem. Hangar: estado de alerta!

— Já estamos em setenta e dois — informou a voz preocupada do engenheiro. — Mas o indicador de energia em feedback já atingiu a faixa crítica. Não podemos continuar os lançamentos muito tempo sem sobrecarregar o desvio ou o próprio projetor de raios tratores.

— Cessem os disparos de raios tratores e mande as outras naves fazer o mesmo. Quantos disparos foram no total, capitão?

Pellaeon examinou os números.

— Duzentos e oitenta e sete.

— Presumo que os vinte e dois asteróides tenham saído?

— Sim, senhor. A maioria deles nos primeiros dois minutos. Não há forma de saber se atingiram a órbita determinada — informou o

capitão.

— As órbitas específicas são irrelevantes — assegurou Thrawn. — O que importa é que os asteróides estejam em algum lugar ao redor de Coruscant.

Pellaeon sorriu. Estavam todos... porém eram apenas uma fração do número calculado pelo inimigo.

— Agora vamos embora, Grande Almirante?

— Agora vamos embora — confirmou Thrawn. — Pelo menos por enquanto, Coruscant está fora da guerra.

Drayson acenou para o coronel de operações e retornou ao grupo que esperava por ele atrás dos consoles.

— Os números definitivos chegaram — anunciou ele, com voz grave. — Não podem garantir que não deixaram passar nenhum entre os destroços da batalha. Mesmo assim... a contagem atinge duzentos e oitenta e sete.

— Duzentos e oitenta e sete? — repetiu o general Rieekan, deixando cair o queixo.

— Sim — confirmou Drayson, olhando para Ben Iblis como se tudo aquilo fosse culpa dele. — E agora?

O general esfregava o queixo, com ar pensativo.

— Para começar, não acho que a situação seja tão ruim quanto parece — afirmou ele. — Levando em conta tudo o que ouvi sobre como são caros esses escudos de camuflagem, não consigo enxergar Thrawn gastando uma fortuna com trezentos deles, especialmente porque um número bem menor causaria efeito similar.

— Você acha que os outros disparos de raios tratores foram falsos? — quis saber Leia.

— Não podem ter sido — argumentou Rieekan. — Eu estava observando os sensores. Os projetores estavam drenando energia.

Bel Iblis olhou para Drayson.

— O senhor sabe mais do que todos nós sobre destróieres estelares, almirante. Seria possível?

Drayson olhou para o alto, o orgulho profissional ultrapassando a rusga pessoal contra o general.

— Poderia ser feito. Teria de haver um transmissor em feedback a um capacitor-relâmpago, ou um dissipador de energia instalado em

algum outro lugar da nave. Isso permitiria administrar uma quantidade bem maior de energia através do projetor sem que esteja gerando todo a potência.

— Existe alguma forma de saber a diferença entre isso e um verdadeiro lançamento de asteróide? — indagou Mon Mothma.

— Dessa distância? Não — respondeu Drayson, movendo a cabeça.

— Quase não faz diferença a quantidade de asteróides que ele tenha plantado — comentou Rieekan. — Mais cedo ou mais tarde as órbitas cairão; deixar que um só deles atinja o solo seria um desastre. Até que tenhamos destruído o último, não podemos abaixar o escudo planetário.

— Sendo o maior problema localizá-los — concordou Drayson. — E como sabermos quando pegamos todos?

Um movimento captou a atenção do olhar de Leia e ela viu o coronel Bremen aproximando-se.

— Podia ser pior — observou Bel Iblis. — A frota do setor pode consertar a estação extra-orbital em questão de horas portanto não perdemos o contato e podemos dirigir daqui a defesa da Nova República.

— Também vai ser possível transmitir um alarme geral para todos os planetas. Mara Jade escapou. — anunciou Bremen.

— Como? — quis saber Mon Mothma, surpresa.

— Com ajuda externa. O dróide que a estava guardando foi desativado. Uma espécie de algema com parte ativa eletrônica. Apagou também a memória relativa ao momento do incidente — relatou Bremen, irritado.

— Há quanto tempo? — indagou Rieekan.

— Há algumas horas. Estamos com a segurança dobrada no piso de comando desde que descobrimos a fuga, achando que ela podia estar planejando alguma sabotagem que coincidissem com o ataque do Império.

— Isso ainda pode acontecer. Vocês lacram o palácio?

— Como uma lata de bolachas crocantes, senhor. Mas duvido que ainda estejam aqui.

— Vamos precisar ter certeza disso — declarou Mon Mothma. — Quero que organize uma busca completa no palácio, coronel.

— Imediatamente — assentiu Bremen.



Leia preparou-se. Não iam ficar contentes quando ela dissesse o que tinha a dizer. Estendeu a mão e tocou o braço do coronel.

— Não se dê ao trabalho, coronel. Mara não está aqui. Todos se voltaram para ela.

— Como sabe disso?

— Porque ela partiu de Coruscant há algumas horas atrás. Com Han e Luke.

Houve um instante de silêncio, enquanto as pessoas digeriam a informação.

— Eu estava me perguntando porque Solo não desceu com você para a sala de guerra — comentou Bel Iblis. — Quer nos dizer o que está acontecendo?

Leia hesitou; porém nenhuma daquelas pessoas podia ter nada a ver com a Fonte Delta.

— Mara acredita saber onde fica a instalação de clonagem do Império. Achamos que valeria a pena mandar um grupo pequeno com ela para verificar.

— *Achamos!* A quem se refere esse *achamos*? — indagou Drayson.

Leia encarou-o nos olhos.

— Minha família e meus amigos íntimos. As únicas pessoas que posso ter certeza absoluta de não vazarem informações para o Império.

— Isso é um insulto...

— Já chega, almirante — interrompeu Mon Mothma, com voz calma e um brilho de autoridade nos olhos. — Qualquer reprimenda que tenha a fazer pode ficar para mais tarde. Se foi prudente, ou não, permanece o fato de que estão a caminho e precisamos decidir sobre a melhor forma de ajudá-los. Leia?

— O mais importante a fazer é fingir que Mara ainda está presa — disse Leia, um pouco aliviada. — Ela me contou que esteve uma vez em Wayland e não sabia quanto tempo iria demorar para reconstruir a rota. Quanto maior a dianteira, menos tempo o Império terá para aumentar seus efetivos lá.

— E então, o que acontece? — perguntou Mon Mothma.

— Vão tentar destruir as instalações. Houve um instante de silêncio.

— Só eles? — indagou Drayson.

— A menos que tenha uma frota na reserva para emprestar... só eles — disse Leia.

Mon Mothma sacudiu a cabeça.

— Não devia ter feito isso sem consultar o conselho, Leia.

— Se eu levasse esse assunto ao conselho, Mara estaria morta a uma hora dessas — argumentou Leia. — Se o Império ficasse sabendo que ela poderia localizar Wayland, o próximo grupo de comandos não iria apenas tentar desacreditá-la.

— O Conselho fica acima de suspeita — declarou Mon Mothma, com voz fria.

— E será que todos os assessores também estão? Ou o pessoal tático e oficiais de suprimentos, de armazenamento de dados e de pesquisa? — perguntou Leia. — Se eu sugerisse um ataque a Wayland no Conselho, todas essas pessoas ficariam sabendo do assunto.

— E mais ainda — reforçou Bel Iblis. — Ela tem razão, Mon Mothma.

— Não estou interessada em distribuir culpas, Garm. Nem em defender o nicho de poder de ninguém. Estou preocupada com a possibilidade de que tudo isso seja uma armadilha, Leia... que possa custar a vida de seu marido e de seu irmão.

Leia engoliu em seco.

— Também consideramos essa possibilidade, mas decidimos que o risco valia a pena. E não havia mais ninguém para fazê-lo.

Ninguém disse nada por algum tempo.

— Será necessário falar com as pessoas que ficaram sabendo da fuga de Mara Jade, coronel — disse Mon Mothma a Bremen. — Se e quando obtivermos a localização de Wayland, veremos o que podemos fazer no sentido de enviar reforços para ajudá-los.

— Desde que estejamos certos de que não se trata de uma armadilha — lembrou Drayson, de mau humor.

— Naturalmente — concordou Mon Mothma, evitando os olhos de Leia.

— Por enquanto, é tudo o que podemos fazer. Vamos nos concentrar nos problemas mais imediatos de Coruscant: a defesa e descobrir uma maneira de encontrar aqueles asteróides camuflados. General Bel Iblis...

Dedos hesitantes tocaram o ombro de Leia e ela voltou-se para descobrir Ghent, em pé à sua frente.

— Já acabou tudo? — indagou ele.

— A batalha, sim — esclareceu ela, olhando para Mon Mothma e os outros. Estavam entretidos em alguma discussão sobre asteróides, porém, mais cedo ou mais tarde, alguém iria reparar em Ghent. — Venha comigo. Eu conto tudo lá fora. O que achou dos códigos de batalha do Império?

.— Tudo bem — disse ele. — Os caras não me deixaram fazer muita coisa e eu não conhecia as máquinas tão bem quanto eles. E tinham também um exercício bobo.

Leia sorriu. A melhor rotina de desempenhos que os técnicos da Nova República conseguiram organizar e Ghent considerava tudo um exercício bobo.

— As pessoas ficam presas à rotina quando realizam tarefas — afirmou ela, com diplomacia. — Se quiser, posso arranjar para que você converse com a pessoa encarregada e você pode oferecer suas sugestões.

— Não, obrigado. Os militares não gostam da forma como faço as coisas. Mesmo Karrde fica meio esquisito às vezes. A propósito, sabe aquele transmissor pulsante que vocês têm em algum lugar aqui por perto?

— Aquele que a Fonte Delta está usando? Nossa Contra-Inteligência está tentando localizá-lo desde que começou a transmitir. Mas é algum tipo de frequência cruzada de fase dividida, ou algo parecido e não tiveram sorte alguma — disse Leia.

— Bem... isso me parece um problema técnico. Não entendo nada dessas coisas.

— Tudo bem. Estou certa que encontrará outras formas de ajudar.

— E — concordou Ghent, sem entusiasmo. Enfiou a mão no bolso. — Bem, de qualquer forma, aqui está.

Leia franziu a testa e apanhou o cartão de dados que ele estendia.

— O que é isto?

— É o código que o transmissor está usando para transmitir.

— E o quê?

Ele voltou os olhos inocentes para Leia.

— O código que esse transmissor de frequência cruzada ou seja lá o que for está usando. Finalmente consegui decifrá-lo,

Ela ficou olhando para ele.

— Como assim? Você estalou o dedo e decifrou? Ele deu de ombros.

— Mais ou menos. Faz um mês que estou trabalhando nele. Leia olhou para o cartão em suas mãos, uma estranha ex-citação percorrendo-lhe o corpo.

— Alguém sabe que você fez isso? Ghent balançou a cabeça.

— Pensei em entregá-lo para aquele coronel antes de sair, mas ele estava ocupado, falando com outro oficial.

O código das mensagens da Fonte Delta... e a Fonte Delta não sabia que o tinham decifrado.

— Pois não diga nada a ninguém — avisou ela. — Quero dizer, ninguém *mesmo*.

Ghent franziu a testa, mas deu de ombros.

— Tudo bem. O que quiser.

— Obrigada — murmurou Leia.

Colocou o cartão no bolso da túnica. Era a chave para a Fonte Delta... sentia isso lá no fundo. Tudo o que precisava descobrir, era a forma certa de usá-lo.

E depressa.